

Um rabo de burro para Pinochet: a resistência à ditadura chilena na obra

A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile

Tatiana de Aquino Mascarenhas*

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi compreender de que modo a resistência à ditadura chilena aparece representada na obra *A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile*, de Gabriel García Márquez. Além disso, buscou-se refletir sobre o papel de resistência e denúncia desempenhados pela própria obra, considerando-se a censura vigente dentro do Chile e a repercussão que alcançou em outros países em um momento de crescente fragilização do regime pinochetista. Nossas leituras foram orientadas pelas relações entre história e literatura apontadas por David Lowenthal e pelo conceito de representação, assim como entendido por Roger Chartier. Ao representar as ações desenvolvidas por esses grupos, García Márquez procurou reforçar sua coesão e capacidade operativa, ao mesmo tempo que destacou a violência da ditadura e o fato de que o aparato de segurança do regime se mostrava vulnerável diante dos resistentes. Considerando-se a repercussão de uma obra assinada por García Márquez, o livro cumpriria, assim, o papel de denúncia e provocação (da ditadura) e de propaganda, homenagem e mobilização (da oposição).

Palavras-chaves: Gabriel García Márquez; Movimentos de Resistência; Ditadura Chilena; História e Literatura.

Abstract

The purpose of this research was to understand how the movement of resistance to the Chilean dictatorship is represented in the book *Clandestine in Chile: The Adventures of Miguel Littin*, written by Gabriel García Márquez. Furthermore, we sought to reflect on the role of resistance and denunciation played by the work, considering the censorship in force in Chile and the repercussions that the book had in other countries at a time of growing fragility of regime led by Pinochet. Our analyzes were guided by the relations between history and literature postulated by David Lowenthal and by the concept of representation, as understood by Roger Chartier. García Márquez, while representing the actions developed by these groups, sought to reinforce their cohesion and operational capacity and, at the same time, highlighted the violence of the dictatorship and the fact that the regime's security apparatus was vulnerable to the resistance. Considering the repercussion of a text signed by García Márquez, the book would have the role of denunciation and provocation (of the dictatorship) and of propaganda, homage and mobilization (of the opposition).

Keywords: Gabriel García Márquez; Resistance Movements; Chilean Dictatorship; History and Literature.

* Bacharel e Mestre em Psicologia (IPUSP) e Bacharel em História (FFLCH USP).

Introdução

Em 23 de setembro de 1973, uma fogueira ardia próximo às torres de San Borja, no coração da capital chilena, Santiago. As chamas eram alimentadas por um grupo de soldados, que nelas atiravam escritos de Marx, Lênin e Ho Chi Minh e discos com gravações de Fidel Castro e Che Guevara. Logo tudo estaria convertido em uma massa escura e disforme, cena que se repetiria em outros momentos e em outras partes do Chile¹.

A operação bradburyana acontecia apenas 12 dias após o golpe que depôs o presidente Salvador Allende e deu início a uma ditadura que se manteria por 17 anos, deixando marcas profundas na política, na economia e na memória do Chile. Sem uma lista com os livros proibidos pelo novo regime, a seleção das obras que seriam destruídas era feita de forma aparentemente indiscriminada, mas que cumpria a função de disseminar um clima de terror capaz de desencorajar mesmo as menores manifestações de oposição².

Gradualmente as fogueiras daqueles primeiros dias de poder da Junta Militar foram se extinguindo, dando lugar a outras formas de censura, mais ou menos operantes conforme o grau de tensão política interna e os ocasionais estados de sítio. Tais mecanismos repressivos acarretaram não apenas a autocensura como também a fuga de artistas e intelectuais do país. Além disso, após o golpe de 1973, a participação do Estado na produção cultural e difusão das artes diminuiu consideravelmente, invertendo a direção que o governo deposto havia tomado³. O golpe final para escritores e leitores veio na forma do Imposto de Valor Agregado (IVA), que aumentou o preço dos livros, dificultando seu acesso⁴.

Por isso, chama a atenção que em 28 de novembro de 1986 a queima de livros tenha sido a estratégia escolhida pela ditadura para censurar uma publicação. Naquele dia, 15 mil exemplares de *A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile*, de Gabriel García Márquez, foram incinerados no porto de Valparaíso. O livro, publicado em maio daquele ano, relatava a experiência vivida pelo cineasta exilado Miguel Littín que, em 1985, descumprira a proibição de regressar a sua terra natal e passara seis semanas realizando filmagens para o documentário *Acta General de Chile*.

¹ Esses acontecimentos foram registrados pela imprensa internacional. Um exemplo foi a reportagem Spécial Chili, do jornalista Jacques Segui, exibida na televisão francesa. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=IQyK1z0NNpY>

² FRITZ, Karen Donoso. El “apagón cultural” en Chile: políticas culturales y censura en la dictadura de Pinochet 1973-1983. *Outros Tempos*, v. 10, n. 16, 2013, pp. 104-129.

³ Um dos símbolos dessa política cultural do governo Allende foi a Editora Quimantú, estatal criada em 1971, responsável pela produção de livros vendidos a preços acessíveis. Seu catálogo continha uma grande quantidade de obras políticas, especialmente aquelas ligadas ao pensamento de esquerda. In: CAVALCANTE, Rafael Rodrigues. O apagão e o contra-apagão cultural: a música na ditadura militar chilena. XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis, 27 a 31 de julho de 2015.

⁴ FRITZ, Karen Donoso. op. cit., 2013, p. 104-129.

Para muitos chilenos que lutavam pelo fim da ditadura, o ano de 1986 foi um período de grandes expectativas, pois acreditava-se que seria o “ano decisivo”, ponto de virada em direção à democracia⁵. Os protestos em massa se adensavam desde 1983, e fora do Chile era cada vez maior o rechaço à ditadura. A oposição congregava estudantes secundaristas e universitários, trabalhadores, militantes dos tempos da Unidade Popular, habitantes das *poblaciones*⁶, artistas, jornalistas, grupos no exílio e guerrilheiros. As formas de organização e manifestação eram várias e não raro geraram divergências internas, no entanto as palavras de ordem iam em um só sentido: “*Ya va a caer*”⁷.

No livro de García Márquez são constantes as referências a essas manifestações de oposição à ditadura militar, de modo que a narrativa, mais do que apresentar os bastidores de uma filmagem, percorre os bastidores da resistência. Ao longo das páginas são citadas as Jornadas de Protesto, as ações promovidas pela *Vicaría de la Solidariedad*, as redes de militantes exilados, a Frente Patriótica Manuel Rodríguez e ações individuais sutis – mas nem por isso menos eloquentes – que explicitavam a insatisfação com o regime ou que buscavam manter viva a memória de Salvador Allende.

Ainda que *A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile* tenha sido divulgado como uma reportagem, Gabriel García Márquez recorreu em diversos momentos à ficção, motivado pela necessidade de preencher lacunas contidas no relato original do cineasta e proteger a identidade dos envolvidos nas filmagens. Porém, não nos interessa aqui fazer um cotejamento entre a narrativa e o “real”, mas sim observar as escolhas feitas por García Márquez do que seria publicado ou omitido, dos acontecimentos e personagens que mereceriam destaque, assim como suas formas de representação, de modo a passar uma determinada mensagem. Para tanto, nos amparamos nas ideias de Roger Chartier, segundo as quais

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.⁸

Entendemos que algumas das estratégias utilizadas por García Márquez na construção dessa narrativa – a começar pela escolha de divulgá-la como reportagem – buscaram garantir

⁵ TASSARA, Rafaella Ruilova. *El “año decisivo”: la Política de Rebelión Popular de Masas (PRPM). Una mirada histórica (1985-1986)*. Trabalho de Conclusão do curso de Licenciatura em História. Facultad de Filosofía y Humanidades de la Universidad de Chile. Santiago. p. 66. 2018.

⁶ As *poblaciones* são comunidades localizadas em zonas desvalorizadas da região metropolitana de Santiago, como as várzeas do rio Mapocho. Durante a ditadura, constituíram importantes focos de resistência e seus habitantes (*pobladores*) foram fortemente atingidos pela perseguição policial.

⁷ VARGAS, Viviana Bravo. Etnografía histórica de la protesta urbana: las jornadas nacionales contra la dictadura, Santiago de Chile, 1983-1986. *Revista Antropologías del Sur*, ano 6, n. 12, 2019, pp. 129-148.

⁸ CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Instituto de Cultura Portuguesa, 1985, p. 17.

legitimidade para um livro que carregava a função de denúncia da ditadura chilena, dissimulando aquilo que ele próprio afirma no prefácio da obra: as alterações feitas no relato original.

O texto, dividido em capítulos, foi primeiramente publicado em revistas e jornais americanos e europeus. Na Espanha, país onde vivia Miguel Littín, a narrativa foi publicada em dez partes, entre os dias 11 e 20 de maio de 1986, antes da estreia do documentário *Acta General de Chile*, exibido na televisão espanhola e em diversos festivais de cinema. Não tardou para que a narrativa fosse editada no formato de livro e se transformasse em um sucesso de vendas. Recortes de jornais do México reunidos pelo próprio autor⁹ mostram que *A aventura...* se manteve entre os dez títulos mais vendidos naquele país entre setembro de 1986 e janeiro de 1987. Igualmente digna de nota é a rapidez com que editoras de diferentes partes do mundo publicaram o livro, mesmo quando isso envolveu a necessidade de tradução¹⁰.

Dentro do Chile, a narrativa foi publicada no mês de julho de 1986, em uma edição especial de *Análisis*¹¹, revista de oposição que, naquele momento, era vendida livremente em bancas de jornais¹². No entanto, após a descoberta dos arsenais de Carrizal Bajo, em agosto de 1986, e do malsucedido atentado contra Augusto Pinochet, ocorrido menos de um mês depois, o regime decretou estado de sítio. A revista *Análisis* foi diretamente afetada, com o assassinato do redator José Pepe Carrasco e a proibição de que se publicassem e circulassem novos exemplares¹³.

Foi nesse contexto de recrudescimento das tensões e da vigilância que o carregamento com os exemplares de *A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile* foi incinerado no porto de Valparaíso, apesar de a censura prévia ter sido revogada por Pinochet em 1980¹⁴. Esse fato gerou protestos não apenas da oposição ao regime, que fez uso de diferentes veículos da imprensa para denunciar o ocorrido, mas também entre seus apoiadores, que viam na queima de livros uma espécie de regressão aos primeiros dias da ditadura e uma contradição com as políticas de fomento às bibliotecas e à leitura que vinham sendo implementadas¹⁵.

⁹ Os recortes de jornais guardados por Gabriel García Márquez encontram-se disponíveis online, nos arquivos do Harry Ransom Center, da Universidade do Texas, por meio do link <https://hrc.contentdm.oclc.org/digital/collection/p15878coll51/id/34906/rec/7>. Esse centro de documentação disponibiliza também diversos outros documentos do autor, como manuscritos, cartas e fotografias.

¹⁰ GONZÁLEZ, Nelly Sfeir de. *Bibliographic Guide to Gabriel García Márquez, 1986-1992*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1994.

¹¹ Entre os meses de maio e agosto de 1986, Gabriel García Márquez publicou, ao todo, 12 contos e crônicas na revista *Análisis*. Sua última contribuição ocorreu na edição de número 155, a última antes que o estado de sítio fosse decretado, acarretando a suspensão das atividades da revista por quatro meses.

¹² O anúncio pode ser observado na edição n^o 149 da revista, na página 42. Disponível em: http://www.socialismo-chileno.org/PS/analisis/1986/Analisis_149.pdf.

¹³ TASSARA, Rafaella Ruilova. op. cit., 2018, p. 66.

¹⁴ Na Constituição de 1980, em seu artigo 19, ficava assegurada a liberdade de emitir opinião e informar, sem censura prévia. Na prática, porém, o regime se valia das muitas exceções contidas na própria lei para exercer a censura. In: BIBLIOTECA NACIONAL DE CHILE, s.d. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-333815.html>.

¹⁵ FRITZ, Karen Donoso. op. cit., 2013, p. 104-129.

A reação da ditadura, ao optar pela queima dos exemplares, teria sido motivada por uma espécie de vingança, já que o livro, além de colocar em evidência um estado de coisas que o regime buscava ocultar, fazia algumas provocações diretas a Pinochet¹⁶. Em uma delas, narra-se uma cena em que um dos filhos de Miguel Littín, ao se despedir do pai, recomenda a ele que “grude em Pinochet um rabo de burro, bem comprido”¹⁷. Em outra, conta-se o episódio dentro do *La Moneda*, onde a equipe gravou por dois dias sem levantar suspeitas dos militares, colocando em evidência a fragilidade do sistema de segurança das dependências presidenciais. Por fim, é preciso considerar que *A aventura...* relata não apenas o encontro entre Miguel Littín e membros da Frente Patriótica Manuel Rodríguez – grupo que, pouco após a publicação do livro, seria o responsável pelo atentado contra Pinochet –, como também destaca outras diferentes formas de enfrentamento da ditadura, individuais e coletivas, que se mantinham atuantes, a despeito dos esforços para reprimi-las.

Diante de tantas vozes da resistência chilena, interessa-nos aqui compreender de que modo elas foram representadas por Gabriel García Márquez ao longo de *A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile*. Além disso, pretendemos refletir sobre o papel de resistência e denúncia desempenhados pela própria obra, considerando-se a censura vigente dentro do Chile e a repercussão que alcançou em outros países em um momento de crescente fragilização do regime pinochetista.

Ao longo de todo este trabalho, nossa leitura foi orientada pelo entendimento de que, ainda que a história e a ficção assumam compromissos distintos, o conhecimento sobre o passado não é privilégio da primeira. Nas palavras de David Lowenthal, “toda ficção é parcialmente ‘fiel’ ao passado”¹⁸, sendo, assim, uma das formas de representá-lo. Por isso, enquanto historiadores

não devemos prescindir nem da história, nem da ficção – e muito menos é razoável abrir mão do diálogo constante e ininterrupto entre essas duas formas narrativas que se contaminam reciprocamente, que se misturam com frequência, que vivem em territórios contíguos e, no dia a dia, trocam confidências e... verdades.¹⁹

Isso posto, o percurso que propomos a partir daqui passa por uma apresentação das diferentes modalidades de enfrentamento à ditadura chilena com base na literatura dedicada ao tema e pela observação dos pontos de contato e distanciamento em relação às escolhas feitas por Gabo ao representar essas mulheres e homens que se engajaram nas lutas pelo retorno à democracia.

¹⁶ RODRÍGUEZ, René Palomino. El desarraigo en la obra cinematográfica de Miguel Littín. In: *Miguel Littín: del cine, la literatura y otras clandestinidades*. Memorias de Ulivro, 5ª ed, ago. 2016, pp. 109-122.

¹⁷ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile*. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 16.

¹⁸ LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Proj. História*, São Paulo (17), nov. 1998, p. 134.

¹⁹ PINTO, Júlio Pimentel. *Anais do I Seminário História & Literatura: Diálogos e contaminações*. São Paulo, 2019, p. 4.

Peregrinos²⁰ chilenos: redes de solidariedade no exílio e a “resistência interna”

A condição brutal do exílio, tão comum ao longo do século XX, foi vivida por milhares de chilenos após o golpe de 1973. Saíram do país às pressas, ameaçados pela repressão e pelo desejo da Junta Militar de apagar a memória – e, assim, os representantes – do período da Unidade Popular. Países como México, Espanha e França abriram as portas a essas mulheres e homens que precisaram lidar com a ruptura abrupta de seus vínculos familiares e de amizade e com a perda de suas casas, pertences e trabalhos, início do que seriam “os longos e devastadores anos do exílio”²¹. No entanto, ainda carregando consigo os mesmos projetos políticos de outrora, muitos deles conseguiram criar uma dinâmica rede de solidariedade, que desempenhou um importante papel ao longo dos anos de ditadura.

Em um primeiro momento, atuaram principalmente pela via da denúncia das violações de direitos cometidas no Chile após o 11 de setembro, o que contribuiu para atrair a atenção internacional e isolar o regime pinochetista. Posteriormente, já nos anos 1980, a articulação dos exilados foi fundamental para angariar apoio de sindicatos, partidos políticos e fundações de diversas partes do mundo, afinal a causa chilena havia gerado a simpatia de muitos estrangeiros que tinham a democracia como valor fundamental e haviam nutrido esperanças diante da experiência de socialismo pela via eleitoral²².

Muitos desses exilados eram intelectuais e artistas, que continuaram desenvolvendo suas produções no país de acolhida. Miguel Littín foi um deles. Exilado de primeira hora, o cineasta partiu para o México em outubro de 1973, permanecendo no país até 1983, ano em que se mudou para a Espanha. Ao contrário de muitos chilenos que, ao longo dos anos 1980 receberam autorização para regressar ao Chile²³, Littín teve seu nome publicado em uma lista de pessoas proibidas de retornar, o que fez com que se mantivesse exilado até o fim da ditadura de Pinochet. Durante esse longo desterro, produziu diversos filmes, como *Actas de Marusia* (1976), *El recurso del*

²⁰ O termo faz referência ao livro *Doze contos peregrinos*, de Gabriel García Márquez (1995), que traz histórias sobre latino-americanos vivendo no exílio.

²¹ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. op. cit, 2014, p. 45.

²² MIRA, Claudio Rojas; SANTONI, Alessandro. Geografía política del exilio chileno: los diferentes rostros de la solidaridad. *Perfiles Latinoamericanos*, jan./jun. 2013, pp. 123-142.

²³ Após a publicação da Lei de Anistia, em 1978, pelo Decreto 2.191, aumentou a demanda de exilados que pretendiam regressar ao país, assim como a pressão de organizações que lutavam pelos direitos humanos. Em outubro de 1982, o regime criou a Comissão para o Retorno dos Exilados, que teria vida breve. Naquele ano, 125 chilenos tiveram permissão para regressar. As listas seguintes de autorização para o retorno ficaram a cargo do Ministério do Interior. Ao lado das listas de autorização, também eram publicadas listas de proibição – ambas as decisões ficavam ao sabor do clima político no Chile, conforme a mobilização social se intensificava ou arrefecia e, no mesmo compasso, a repressão. In: LASTRA, S. Dictaduras y retornos del exilio. Chile y Argentina en perspectiva comparada. *Clepsidra: Revista Interdisciplinaria de Estudios sobre Memoria*, Buenos Aires, v. 4, n. 7, 2017, pp. 120-136.

método (1978), *La viuda de Montiel* (1979) e *Alsino y el condor* (1982), tendo recebido duas indicações na categoria Melhor Filme Estrangeiro do Oscar²⁴.

Além do cinema, no exílio floresceram as artes plásticas, o teatro, a música e principalmente a literatura, com destaque para o gênero do testemunho, por meio do qual se veiculavam versões divergentes da oficial²⁵. Para o artista, dar continuidade a sua produção era uma forma não apenas de trabalhar e gerar renda, mas também de agir politicamente, fortalecer a rede de solidariedade e conferir identidade cultural àqueles que partilhavam o exílio. Espetáculos que reuniam grande público eram realizados com a finalidade de arrecadar fundos destinados ao Chile e utilizados no apoio às famílias de presos e desaparecidos ou no financiamento de atividades contra a ditadura²⁶.

Caminhadas, atos públicos, cartas aos jornais, encontros com autoridades de diferentes países também foram instrumentos de luta dos exilados, empenhados em denunciar a repressão e as violações de direitos que estavam ocorrendo. Merecem destaque ainda as diversas iniciativas editoriais que surgiram no exílio, como as revistas *Chile-América*²⁷, *Literatura Chilena en el Exilio*²⁸ e *Araucaria de Chile*. Esses periódicos desempenharam um importante papel na articulação de intelectuais, constituindo espaços para debates que envolviam a cultura e a resistência política e fortalecendo laços por meio de eventos culturais²⁹.

Para os objetivos de nossa discussão, centraremos brevemente nossa atenção em *Araucaria de Chile*, revista onde foi publicado o primeiro relato sobre a viagem clandestina de Miguel Littín. O periódico, impresso em Madri, circulou entre 1978 e 1990. Tinha como objetivo constituir um meio de luta contra a ditadura, difundir a cultura chilena em meio ao apagão cultural³⁰ e ser uma ponte entre os exilados e os membros da militância que haviam permanecido no Chile, onde a revista circulou livremente por um breve período³¹. Além da qualidade estética, eram priorizados

²⁴ SILVA, Alessandro de Souza. *A filmografia de Miguel Littín entre o exílio e a clandestinidade* (1973-1990). 2015. Dissertação - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2015.

²⁵ NETO, Raphael Coelho. Memória da violência política da ditadura chilena na literatura de testemunho publicada pelas revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*. *Palimpsesto*, Universidad de Santiago de Chile, v. IX, n. 12, ago./dez. 2017, pp. 97-113.

²⁶ AVARIA, Diego. El aporte de los exiliados políticos al retorno a la democracia en Chile. Jornadas de Trabajo sobre Exilios Políticos del Cono Sur en el siglo XX, La Plata, 26, 27 e 28 de setembro de 2012.

²⁷ A revista *Chile-América* foi fundada na Itália, em 1974, abordando principalmente assuntos políticos. Contava com colaboradores da Democracia Cristã e outros vinculados a partidos de esquerda. In: NETO, Raphael Coelho. Resistência política, redes intelectuais e atividades editoriais no exílio durante a ditadura militar chilena. *Intellectus*, ano XVIII, n. 2, 2019, pp. 1676-7640.

²⁸ *Literatura Chilena en el Exilio* foi uma revista publicada nos Estados Unidos, entre 1977 e 1985, ano em que sua sede foi transferida para Madri. Em 1981, a revista passou a se chamar *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, pela compreensão de que também deveria abarcar a cultura produzida dentro do Chile que fosse crítica à ditadura. Seus editores, Fernando Alegría e David Valjalo, defendiam o engajamento do intelectual, que deveria, por meio de seus textos, contribuir com as causas políticas.

²⁹ NETO, Raphael Coelho. op. cit., 2019, pp. 1676-7640.

³⁰ O apagão cultural foi a forma que se convencionou chamar o período de retrocesso nas artes vivido no Chile após o golpe de 1973, quando houve uma queda significativa na criação, produção e circulação de bens culturais.

³¹ No número 28 de *Araucaria de Chile* (1984, p. 7), foi publicada uma fotografia enviada por um leitor chileno, que mostra alguns exemplares da revista expostos para venda na vitrine de uma loja. No entanto, durante os frequentes

textos que contivessem manifestações ligadas à resistência, em suas variadas tendências políticas – exceto, é claro, aquelas favoráveis a Pinochet³².

O texto *El ojo en el corazón de Chile (notas de una filmación clandestina)* integra a edição de nº 32 de *Araucaria*. Nele, Miguel Littín conta situações vividas em sua viagem para o Chile, entre maio e junho de 1985, momento em que o país estava sob estado de sítio. O texto, carregado de melancolia e saudosismo, traz a visão do cineasta sobre o país reencontrado depois de 12 anos de separação; fala da vigilância policial, do toque de recolher, dos desaparecimentos, detenções e torturas, do estado permanente de medo e da miséria em que viviam muitos chilenos. Também antecipa situações que serão tratadas no livro de García Márquez, como a viagem por trem para Concepción e a curiosa dificuldade de achar um barbeiro nessa cidade, o controle sobre as filmagens nas proximidades das minas de carvão de Lota e Schwager, a visita à Isla Negra e à casa de Pablo Neruda, a carta escrita para o juiz da Suprema Corte, a música de Violeta Parra tocada na Catedral de Santiago. Por outro lado, traz um elemento não presente no texto de Gabo: a frágil unidade dentro dos diferentes grupos da resistência e que, apesar de estarem em busca disso, ainda não possuíam um programa definido para terminar com a ditadura³³.

O relato de Littín também evidencia a capacidade de articulação e organização no exílio para que suas filmagens se concretizassem, o que envolveu contatos em diferentes países e meses de preparativos. O mesmo acontece no livro escrito por Gabo, que dá ao texto ares dos mais clássicos roteiros de espionagem, a começar por uma visita a Paris, onde Littín conheceria um contato secreto – não nomeado no livro – e receberia as primeiras instruções para a viagem:

O homem que eu precisava tinha um alto cargo na resistência interna do Chile, e seu projeto só se diferenciava do meu em alguns detalhes formais. Uma única conversa de quatro horas com ele, no ambiente mundano do La Coupole³⁴ e com a participação entusiasmada de Luciano Balducci³⁵, foi suficiente para converter em realidade uma fantasia incubada por mim, até em seus mínimos detalhes, nas primeiras insônias quiméricas do exílio³⁶.

períodos em que o estado de sítio vigorou, sua circulação esteve proibida dentro do país. Disponível em: <http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/visor/BND:72138>.

³² SILVA, E. P. Araucaria de Chile: uma revista de resistência cultural. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 10, pp. 83-125, jan./jun. 2011.

³³ No texto de Miguel Littín em *Araucaria de Chile*, vemos o trecho: “Han sido entrevistados los dirigentes políticos de todos los partidos democráticos. Todos están de acuerdo, es urgente terminar con la dictadura. Sin embargo, aún existen diferencias, explican: ‘Es preciso preparar un programa, es necesario que todos cedamos em algo. Estamos en el camino’, aseguran” (1985, p. 78).

³⁴ Famoso restaurante parisiense, localizado no bairro de Montparnasse.

³⁵ Produtor de cinema italiano. Foi um dos responsáveis por realizar o documentário *Acta General de Chile*.

³⁶ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. op. cit., 2014, p. 9.

A partir desse encontro³⁷, inicia-se a preparação do disfarce de Littín, que teria contado com “dois psicólogos e um maquiador de cinema, sob a direção de um especialista em operações clandestinas [...]”³⁸, além da produção de cartões de visita, papéis de correspondência e de roupas e acessórios identificados com o nome que o cineasta deveria assumir. Esse procedimento não é citado em nenhum dos relatos de Miguel Littín com os quais entramos em contato, não sendo possível saber se constitui mais uma das “invenções” de Gabo que indignaram Littín à altura da publicação. De qualquer modo, sua presença no texto cria o efeito de engrandecer o projeto das filmagens e evidenciar a capacidade operativa dos grupos de resistência no exílio. O mesmo resultado é obtido por meio da informação de que a missão contou com a ajuda de cidadãos de diferentes países: holandeses, franceses e italianos nas equipes de filmagem, e ao menos um uruguaio, responsável pela obtenção de um passaporte legítimo, oferecido ao projeto “como uma contribuição política”³⁹.

No entanto, essa capacidade operativa não é atribuída somente aos exilados; em alguns momentos aparecem referências à “resistência interna”, sem a qual o projeto das filmagens não teria sido possível, pois além de oferecer apoio logístico ela seria a responsável por garantir a segurança de Miguel Littín: “Em qualquer lugar que estivesse, os olhos da resistência me protegiam sem que nem eu mesmo notasse”⁴⁰.

Algumas passagens também destacam a habilidade da rede clandestina interna em passar despercebida, por exemplo, nos comentários do narrador Miguel Littín sobre um grupo de amigos dos tempos de Unidade Popular que, mesmo permanecendo no país, contribuíam ativamente para a resistência: um deles havia se tornado um “ativo dirigente sindical”, e o outro, um “chofer de caminhões de carga, o que lhe permite fazer um bom trabalho de coordenação”⁴¹.

Nesses momentos, se constitui um importante contraste com a atmosfera de pesada vigilância e repressão daquele Chile de 1985. Diante das duas informações contrastantes – os olhos atentos da ditadura e a resistência interna em plena atividade – ficam para o leitor duas impressões: ou a vigilância é extremamente falha ou a rede clandestina é superior em sua competência. Sem

³⁷ Em 2015, durante um evento em homenagem a Gabriel García Márquez, Miguel Littín revelou pela primeira vez que a viagem a Paris nunca ocorreu. Esclareceu então que, em 1984, em um encontro em Havana, compartilhou com Fidel Castro seu desejo de regressar ao Chile para rodar um filme. Em resposta, o líder cubano lhe teria dito: “Eso es muy bueno. Tienes que hacerlo”, o que serviu como um incentivo para a realização do projeto. A partir daí, Littín teria iniciado as articulações para que a viagem clandestina ocorresse, obtendo o apoio financeiro necessário de canais de televisão da Itália, Espanha e França. No mesmo evento, Littín afirmou que Gabo não soube da conversa com Fidel: “yo no lo podía contar”. A entrevista completa está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kn9ctI8M2Lw>.

³⁸ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. op. cit., 2014, p. 10.

³⁹ Ibidem, p. 16.

⁴⁰ Ibidem, p. 47.

⁴¹ Ibidem, p. 105.

desconsiderar a primeira interpretação possível a que a narrativa nos conduz, talvez seja na segunda que nos aproximamos mais da forma elegida por García Márquez para representar a militância:

Previendo que as equipes estrangeiras tivessem de sair do Chile por motivos de força maior, ou que fossem proibidas de trabalhar, um setor de resistência interna me ajudou a formar uma equipe de cineastas jovens saídos de suas fileiras. Foi um acerto. Esta equipe fez um trabalho tão rápido e com resultados tão bons quanto as outras, melhorado, além do mais, pelo entusiasmo de saber o que faziam, pois sua organização política nos deu a certeza de que não só eram de absoluta confiança como estavam bem treinados para o perigo. [...] Para mim, elas serviram, além disso, para medir melhor o grau de determinação e a eficácia da geração nova que está empenhada, sem pressa e sem ruído, em libertar o Chile do desastre militar. Apesar da pouca idade, todos têm mais que uma visão do futuro. Têm um passado de façanhas incógnitas e vitórias ocultas, que levam guardado no coração com uma grande modéstia⁴².

Vemos assim esses resistentes descritos como heróis que concentravam em si uma série de características positivas: eficiência, determinação, confiabilidade, agilidade, humildade. Além disso, é enfatizada sua juventude; eram os componentes de uma nova geração que provocava a “exasperação senil da ditadura” ao impor novas formas de viver e pensar a política⁴³. Desse modo, opondo juventude e senilidade, Gabo nos apresenta os dois lados inconciliáveis da luta que se travava então no Chile e confere à primeira a força e energia que faltavam à segunda: “Não há repressão que os detenha”⁴⁴

“Lo gritaremos en silencio”⁴⁵: a Vicaría de la Solidariedad e a resistência pacífica

A resistência chilena não viveu apenas no exílio ou nas teias internas da clandestinidade; em alguns casos sua atuação se deu pela via institucional, contando com amparos legais. O exemplo mais emblemático nesse sentido foi o trabalho vinculado à Igreja Católica chilena, realizado desde os primeiros dias da ditadura e que, justamente por ter se mantido na legalidade, pôde deixar um volume significativo e organizado de registros.

Apesar de inicialmente alguns membros da Igreja terem demonstrado simpatia com o golpe que pôs fim ao governo Allende, não tardou para que vozes contrárias à ditadura militar começassem a se erguer diante da violência desenfreada que se alastrava pelo país e que se consolidaria como o *modus operandi* do regime. Além da indignação com as perseguições políticas e com as detenções, prisões e mortes de *pobladores*, a motivação também veio do horror que alcançou

⁴² Ibidem, pp. 93-94.

⁴³ Ibidem, p. 58.

⁴⁴ Ibidem, p. 58.

⁴⁵ Trecho da homenagem dos trabalhadores da *Vicaría* feita para o sociólogo José Manuel Parada, assassinado em 1985.

a própria Igreja: já no dia 18 de setembro de 1973, o corpo de um padre socialista, Juan Alsina, foi encontrado nas águas do Rio Mapocho, que haviam se tornado espécie de cemitério naqueles primeiros dias da Junta Militar⁴⁶.

Assim, em 06 de outubro de 1973, a Igreja Católica, outras igrejas cristãs e a comunidade israelita chilena fundaram o Comitê de Cooperação para a Paz no Chile (Comitê Pró Paz), organização ecumênica que pretendia oferecer apoio às pessoas que estavam recorrendo aos templos em busca de proteção, suporte espiritual ou material e, às vezes, informações sobre algum parente desaparecido⁴⁷, o que foi possível graças à relativa liberdade de ação e expressão⁴⁸ que as igrejas mantiveram após o 11 de setembro, ao contrário de outras instituições, rapidamente condenadas à clandestinidade⁴⁹.

O lema que movia o Comitê, “uma paz verdadeira baseada na Justiça”, se traduzia em uma de suas principais frentes de atuação: a assistência jurídica aos presos políticos e aos trabalhadores que haviam perdido seus postos de trabalho após o golpe de Estado⁵⁰.

Além disso, diante da situação de desamparo material vivida por muitas famílias, a organização também contava com o trabalho de assistentes sociais e médicos, e oferecia apoio econômico direto que pudesse garantir as condições básicas de sobrevivência daqueles que haviam perdido suas fontes de renda após o golpe. Críticos das ações estritamente assistencialistas que desconsideravam a capacidade de organização e agência dos grupos mais vulneráveis⁵¹, as soluções propostas pelos profissionais do Serviço Social também tinham como base o fortalecimento dos coletivos, como o trabalho em oficinas autogeridas, onde pessoas desempregadas podiam trabalhar, e o estímulo à atuação de familiares de presos políticos desaparecidos, o que deu origem à *Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos* (AFDD)⁵².

⁴⁶ VARGAS, Viviana Bravo. Iglesia liberadora, rearticulación de la política y protesta social en Chile (1973-1989). *Hist. Crit.*, n. 62, out. / dez. 2015, pp. 77-96.

⁴⁷ ZALAUQUETT, José. *Testemunho: El “Comité Pro Paz”*. A pesar de todo, una experiencia de solidaridad y una esperanza.

⁴⁸ Apesar de contarem com alguma proteção e autonomia, o trabalho desenvolvido pelos membros das igrejas não estava livre de riscos; há registros de três mortes, 160 expulsões e 40 prisões de sacerdotes ocorridas nos dois primeiros anos de ditadura. In: ZALAUQUETT, José. *Testemunho: El “Comité Pro Paz”*. A pesar de todo, una experiencia de solidaridad y una esperanza.

⁴⁹ AILLAPÁN, Pedro. *et al.* La Vicaría de la Solidariedad 1976-1983. Poder, solidaridad y derechos humanos en Chile. *Revista de Historia e Geografía*, Santiago. 26, 2012, pp. 39-55.

⁵⁰ ZALAUQUETT, José. *op. cit.*

⁵¹ LABBÉ, Marcos Fernández.; TAGLE, María Soledad Del Villar. Conceptos y prácticas en torno a la violación de los derechos humanos en Chile: la Vicaría de la Solidariedad, 1976-1983. *Historia 3986*, n. 1, 2019, pp. 125-164.

⁵² Fundada no final de 1974, a *Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos* procurava chamar a atenção para os crimes cometidos pela ditadura por meio de petições, comunicados de imprensa, greves de fome em locais públicos e exibição de cartazes com fotos em preto e branco dos desaparecidos, contribuindo para divulgar a categoria *detenidos-desaparecidos*. In: RUIZ, Carolina Gutiérrez; DIAZ, Paola. Resistencias em ditadura y en post-ditadura: la acción colectiva de la agrupación de familiares de detenidos desaparecidos en Chile. EHESS, Paris, Université de Lille II. *Pandora: revue d'études hispaniques*, n. 8, 2008, pp. 187-204.

Apesar de inicialmente não ter sido visto como um problema para a Junta Militar, aos poucos o Comitê Pró Paz foi ganhando protagonismo e passou a gerar tensões no seio do governo, que reagiu com uma campanha de difamação, acusando a organização de proteger terroristas e promover o marxismo no país. Esse processo culminou com a prisão de alguns dos funcionários do Comitê e com uma carta de Pinochet, enviada em 14 de novembro de 1975 para o cardeal Raul Silva Henríquez, ordenando seu fechamento⁵³. Vendo-se sem saída, o cardeal acatou a ordem, mas deixou clara a intenção de continuar desenvolvendo o trabalho em favor dos grupos mais vulneráveis⁵⁴. Assim, já em 01 de janeiro de 1976, a Igreja Católica fundou a *Vicaría de la Solidariedad*, que se tornou lugar de referência e acolhida para as vítimas da ditadura, atendendo milhares de pessoas ao longo de seus anos de atuação⁵⁵.

Em *A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile*, a *Vicaría* é citada em algumas ocasiões. Na primeira delas, vemos uma descrição elogiosa do trabalho desenvolvido pela organização:

[...] é um grande bastião contra a ditadura auspiciado pelo cardeal Silva Henríquez e com o apoio não apenas dos católicos, mas de todos os que lutam pelo retorno da democracia no Chile. [...]. Ali encontram refúgio e amparo humanitário os perseguidos de todas as cores, e é uma via rápida para ajudar quem precisa, com a certeza de que essa ajuda chegará aonde deve chegar, especialmente aos presos políticos e suas famílias. Também ali são denunciadas as torturas e incentivadas as campanhas pelos desaparecidos, e contra todo tipo de injustiça⁵⁶.

O trecho está de acordo com os dados encontrados na literatura a respeito do trabalho da *Vicaría* na luta pelos direitos humanos. A experiência prévia obtida ao longo dos anos de Comitê Pró Paz permitiu que a nova organização surgisse com um projeto mais definido, que expandiu e aprimorou serviços já oferecidos. Além disso, o fato de contar com o respaldo legal e com a proteção direta da Igreja Católica deu mais segurança ao seu trabalho, assim como uma margem de ação mais ampla. Baseada no princípio de defesa da vida, da integridade humana, da liberdade e da justiça, a *Vicaría* reunia religiosos e laicos adeptos de meios pacifistas de resistência, que ofereciam apoio a qualquer pessoa, independentemente de seus vínculos políticos ou religiosos⁵⁷.

Além do acolhimento aos perseguidos políticos e familiares de pessoas presas ou desaparecidas, realizado por assistentes sociais, a *Vicaría* promovia ações em comunidades, com o objetivo de combater a fome, apoiar pessoas em situação de desemprego e oferecer assistência à

⁵³ AILLAPÁN, Pedro. *et al.* op. cit., 2012, pp. 39-55.

⁵⁴ RUDERER, Stephan; STRABNER, Veit. Recordando tiempos difíciles: La Vicaría de la Solidaridad como lugar de memoria de la Iglesia y de la sociedad chilena. *Archives de Sciences Sociales des Religions*. Religions et dictatures, n. 170, abr.-jun. 2015, pp. 37-60.

⁵⁵ O trabalho da *Vicaría de la Solidariedad* é o tema principal da série de ficção *Los Archivos del Cardenal*, veiculada pela televisão chilena entre os anos de 2011 e 2014.

⁵⁶ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. op. cit., 2014, p. 36.

⁵⁷ AILLAPÁN, Pedro. *et al.* op. cit., 2012, pp. 39-55.

saúde àqueles que não poderiam pagar pelos serviços médicos privatizados pelo regime militar. Da mesma forma que era feito no Comitê Pró Paz, ao lado das ações de apoio direto, desenvolviam-se outras, de cunho educativo, que buscavam fortalecer a capacidade de ação de indivíduos e coletivos⁵⁸.

Em outra frente, advogados e procuradores deram continuidade ao trabalho de apoio àqueles que haviam sofrido alguma violação de direitos, interpondo recursos de amparo diante de detenções irregulares e abrindo processos para os casos de tortura e desaparecimento. Um episódio significativo ligado a essa atuação ficou conhecido como os *Hornos de Lonquién*, quando, em novembro de 1978, foram encontrados os restos mortais de 15 pessoas detidas em outubro de 1973 e que desde então se encontravam desaparecidas. A partir dessa descoberta, os advogados da *Vicaría* encaminharam denúncias e conseguiram que fosse iniciada uma investigação que, apesar de não ter resultado em qualquer punição para os envolvidos, ajudou a tornar público o fato de que as Forças Armadas e de Segurança estavam por trás do desaparecimento de muitos cidadãos chilenos⁵⁹. Em represália, funcionários da *Vicaría* passaram a receber ameaças telefônicas, sofreram violência física e tiveram suas residências invadidas, o que abalou a sensação de relativa segurança na qual viviam os colaboradores da instituição.

Em março de 1985 veio o golpe mais duro: o sociólogo José Manuel Parada, membro da *Vicaría*, foi sequestrado pela polícia e assassinado de forma brutal, no episódio que ficou conhecido como *Caso Degollados*⁶⁰, lembrado em *A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile*:

Poucos meses antes de meu regresso clandestino, a ditadura lançou contra a *Vicaría* um desafio sangrento que acabou se voltando contra a própria Junta Militar e pôs em perigo sua estabilidade. No final de fevereiro de 1985, três militantes de oposição foram sequestrados com um alarde de força que não permitia pôr em dúvida quem eram seus autores. O sociólogo José Manuel Parada, funcionário da *Vicaría*, foi preso na presença de seus filhos pequenos na frente da escola onde eles estudavam, enquanto o trânsito era cortado pela polícia três quarteirões ao redor e todo o bairro era controlado por helicópteros militares. Os outros dois foram sequestrados em lugares distintos na cidade, com poucas horas de diferença. Um era Manuel Guerrero, dirigente da Associação Sindical da Educação no Chile, e o outro era Santiago Nattino, um desenhista gráfico de grande prestígio profissional, de quem não se sabia, até aquele momento, que tivesse militância ativa. No meio do estupor nacional, os três cadáveres degollados e com marcas de sevícia selvagem apareceram no dia 2 de março de 1985, num caminho solitário perto do aeroporto internacional de Santiago⁶¹.

⁵⁸ LABBÉ, Marcos Fernández.; TAGLE, Maria Soledad Del Villar. op. cit., 2019, pp. 125-164.

⁵⁹ RUDERER, Stephan; STRAßNER, Veit. op. cit. 2015, pp. 37-60.

⁶⁰ Ibidem.

⁶¹ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. op. cit., 2014, p. 36-37.

A brutalidade da ação é posta em evidência nesse trecho, procedimento, aliás, presente em todo o livro, no qual não falta o adjetivo “sangrenta” para caracterizar a repressão. Ao mesmo tempo, a resistência aparece novamente em sua capacidade de articulação, capaz de abalar os alicerces da ditadura:

O general César Mendoza Durán, comandante dos *carabineros* e membro da Junta do Governo, declarou à imprensa que o crime era o resultado das lutas internas dos comunistas, dirigidos por Moscou. Mas a reação nacional desfez a calúnia e o general Mendoza Durán, apontado pela opinião pública como o promotor da matança, teve que abandonar o governo. A partir de então, o nome da Rua Puente, uma das quatro que saem da Plaza de Armas, foi apagado da placa por mãos desconhecidas, e em seu lugar foi posto o nome com que agora ela é conhecida: Rua José Manuel Parada.⁶²

Lembremos que a viagem de Littín ocorreu apenas dois meses depois do *Caso Degollados*, e a publicação do livro, cerca de um ano depois – ou seja, tratava-se de um acontecimento recente e que ainda era lembrado pela imprensa de oposição, como pode ser visto em edições de *Análisis* (nº 123, 1985) e *Araucaria de Chile* (nº 30, nº 31, nº 32, 1985). Desse modo, a homenagem a José Manuel Parada feita por “mãos desconhecidas” e citada ao fim do trecho de *A aventura...* se dá na própria construção do texto, que não apenas lembra esse acontecimento, destacando sua brutalidade, mas também confere poder e heroísmo às vítimas por meio do título da seção: “Três degollados derrubam um general”.

O *Caso Degollados* foi apenas um dos acontecimentos que impactaram a *Vicaría* na primeira metade dos anos 1980. A organização também vivia uma importante alteração em seu volume de trabalho, já que a demanda por atendimentos médicos e jurídicos crescera vertiginosamente após o início das manifestações de rua que haviam se tornado constantes desde maio de 1983. Além disso, a Igreja Católica, sob o pontificado de João Paulo II, vinha passando por uma guinada conservadora, que teve impactos sobre a América Latina, onde passaram a ser eleitos bispos mais dispostos a pactuar ou ao menos não enfrentar as ditaduras. Na realidade, mesmo durante o bispado de Silva Henríquez, já havia a preocupação dentro da Igreja de desvincular o trabalho da *Vicaría de la Solidariedad* das lutas políticas, justificando as ações realizadas em prol das vítimas da ditadura pelo ideal do bom samaritano. No entanto, com a entrada do arcebispo Juan Francisco Fresno, em 1983, intensificou-se a preocupação em tornar a Igreja mais “explicitamente católica”, de modo a afastá-la das acusações que vinha recebendo de ligações com o comunismo⁶³. A saída de Silva Henríquez e sua substituição por Fresno são referidas no livro como motivo de comemoração para a ditadura:

⁶² *Ibidem*, p. 37.

⁶³ LABBÉ, Marcos Fernández.; TAGLE, Maria Soledad Del Villar. op. cit., 2019, pp. 125-164.

Não tanto por sua condescendência com o novo cardeal - cujo pensamento político ainda era um enigma - mas pelo júbilo que lhe provocava a saída do cardeal Silva Henríquez, o governo interrompeu por um dia as restrições do estado de sítio e fez um chamado através dos meios oficiais de difusão para que fosse feita uma recepção colossal a monsenhor Fresno.⁶⁴

As mudanças no seio da Igreja provocaram a saída de alguns funcionários, que optaram por fundar novas organizações, onde pudessem desenvolver ações orientadas pela laicidade e abertas às discussões políticas que se apresentavam naquele momento. Apesar disso, a *Vicaría* continuou seu trabalho, fechando suas portas somente em dezembro de 1992, pouco depois da mudança para o governo do democrata cristão Patricio Aylwin. Hoje, seus arquivos estão sob responsabilidade da *Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría de la Solidaridad*, que preserva milhares de testemunhos, informes, denúncias públicas, recursos judiciais e prontuários médicos utilizados nos processos jurídicos e políticas de reparação que ainda estão em curso no Chile⁶⁵.

“Sin protesta, no hay cambios”⁶⁶: as Jornadas de Protesto e a resistência nas ruas

Os primeiros anos da década de 1980 foram marcados por mudanças importantes no Chile, a começar pela institucionalização da ditadura que, após um plebiscito fraudulento, aprovava uma nova Constituição, na qual estavam refletidos seus interesses. Além disso, a partir de 1982, o país entrou em um período de severa crise econômica, com queda de 14,3% no Produto Interno Bruto e uma taxa de desemprego de 23,7%, que impactou principalmente os grupos já empobrecidos pelo modelo econômico de livre mercado adotado pelo regime militar⁶⁷. Isso, somado à progressiva reorganização dos sindicatos, foi o estopim para uma série de manifestações públicas, conhecidas como Jornadas de Protesto, que tomaram as ruas de Santiago entre maio de 1983 e outubro de 1984. Esse processo marcou o início de uma nova etapa dos grupos de resistência à ditadura, que haviam passado quase uma década restritos aos espaços privados da família e da clandestinidade e agora saíam às ruas, com demonstrações de franca oposição ao regime. Finalmente o estado de medo permanente cedia lugar para a expressão do desejo de mudanças políticas e, com isso, partidos e organizações de base foram se reestruturando e delineando estratégias para recuperar a democracia⁶⁸.

⁶⁴ Ibidem, p. 85.

⁶⁵ Ibidem.

⁶⁶ Frase utilizada a convocatório da décima Jornada de Protestos, ocorrida nos dias 4 e 5 de setembro e 1984.

⁶⁷ Esses dados, publicados pela Biblioteca Nacional do Chile, são complementados por outros. Segundo Vargas (2015), a taxa de desemprego alcançou o patamar de 31,3% em 1983, ano em que se iniciam as Jornadas de Protesto. A situação era ainda mais dramática em algumas *poblaciones*, onde 60% dos chefes de família se encontravam sem trabalho.

⁶⁸ ZAMORA, Patricio Quiroga. Las jornadas de protesta nacional: historia, estrategias y resultados, *Encuentro XXI*, Santiago de Chile, ano 4, n. 11, pp. 42-60, 1998.

Esses protestos foram lembrados em *A aventura de Miguel Littín Clandestino no Chile*:

Em maio de 1983 tinham começado os primeiros protestos de rua, que se repetiriam ao longo de todo o ano com uma aguerrida participação juvenil, principalmente feminina, mas também com uma repressão sangrenta. As forças de oposição, legais e ilegais, à quais se somavam pela primeira vez os setores mais progressistas da burguesia, convocaram uma greve nacional de um dia. Foi uma demonstração de poder e determinação social que exasperou a ditadura e precipitou o estado de sítio.⁶⁹

O trecho destaca a participação heterogênea, que congregou os mais diferentes setores da sociedade chilena: jovens secundaristas e universitários, homens e mulheres das *poblaciones*, advogados, seminaristas, líderes sindicais, além de integrantes da classe média que antes apoiavam a ditadura. Como aponta Vargas (2019), durante essas mobilizações, difundiu-se o sentimento de que as coisas estavam começando a mudar, e aqueles que antes se indignavam e protestavam à meia voz percebiam enfim que não estavam sozinhos.

Cada um demonstrava sua insatisfação como podia: os estudantes faltavam às aulas e se reuniam em assembleias e atos culturais, os trabalhadores faziam paralisações parciais ou trabalhavam de forma mais lenta, os membros da classe média batiam suas panelas e os *pobladores* construía barricadas e cinturões de fogo, com os quais defendiam suas comunidades. Por outro lado, como descreve o último trecho de García Márquez, a repressão foi “sangrenta”, terminando, já na Primeira Jornada de Protesto, com dois mortos, dezenas de feridos e cerca de 500 detidos⁷⁰.

Além do enfrentamento direto durante os protestos, quando os manifestantes eram atingidos com cassetetes e jatos de água, foram largamente usadas como forma de controle e amedrontamento a censura, as invasões, as prisões⁷¹ e o toque de recolher⁷², procedimentos citados em *A Aventura de Miguel Littín clandestino no Chile*:

A toda hora há patrulhas de choque escondidas nas estações principais do metrô, e caminhões equipados com mangueiras de água e alta pressão nas ruas laterais, prontos para reprimir com sanha brutal qualquer explosão de protesto das tantas que ocorrem todos os dias, intempestivamente.⁷³

Ainda que os riscos envolvidos fossem significativos, esses protestos surgiram e se mantiveram como uma forma de expressar a raiva diante da violência, das tentativas de amordaçamento e da perda de direitos, e constituíram um importante modo de socialização e de

⁶⁹ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. op. cit., 2014, p. 14.

⁷⁰ VARGAS, Viviana Bravo. op. cit., 2015, p. 77-96.

⁷¹ Em 1982, ocorreram 1.789 detenções; em 1983, 15.077; em 1984, período em que a repressão se intensificou, foram 39.440 prisões; em 1985, 8.946; em 1986, o “ano decisivo”, 33.665. In: VARGAS, Viviana. Etnografía histórica de la protesta urbana: las jornadas nacionales contra la dictadura, Santiago de Chile, 1983-1986. *Revista Antropologías del Sur*, ano 6, n. 12, 2019, pp. 129-148.

⁷² ZAMORA, Patricio Quiroga. op. cit., 1998, p. 42-60.

⁷³ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. op. cit., 2014, p. 36.

participação política, especialmente para os grupos marginalizados, como era o caso dos habitantes das *poblaciones*⁷⁴.

A primeira convocatória foi feita pela Confederação de Trabalhadores do Cobre, que inicialmente pretendia realizar uma paralisação nacional. No entanto, uma proposta dessa envergadura se mostrava inviável naquele momento, tendo em vista a ruptura nas relações entre partidos e movimentos sociais. Por outro lado, a instrução de que cada um protestasse conforme suas possibilidades se mostrou mais efetiva, encontrando ampla adesão, o que colocou em xeque a ideia de que a sociedade chilena estava impassível⁷⁵. Depois de quase uma década, o silêncio imposto pelos militares passava a ser substituído pelo barulho de buzinas, apitos, panelaços, músicas de protesto e gritos de ordem, que ajudaram a configurar uma nova espécie de código linguístico da resistência⁷⁶.

Aos poucos, as manifestações foram se disseminando por todo o país e o estado beligerante no qual mergulhara a sociedade chilena se tornou permanente, não se restringindo aos dias de protesto. Além de formas de protesto insurrecionais – queimar veículos, realizar atentados, apagões e sabotagens, construir barricadas e atirar pedras ou coquetéis *molotov* contra as forças de segurança –, promoviam-se atos não violentos, como marchar pelas ruas, pichar muros, distribuir panfleto e realizar assembleias⁷⁷.

Um ícone dos protestos pacíficos deste momento foi o Movimento Contra a Tortura Sebastián Acevedo. Surgido em 1983, seus integrantes promoviam ações públicas com o objetivo de denunciar as torturas que ocorriam no país. O nome do grupo foi inspirado na figura de Sebastián Acevedo, lembrada por García Márquez em *A Aventura...*:

Do táxi que nos levava ao centro da cidade, através de uma névoa densa e gelada, vimos a cruz solitária no átrio da Catedral, e o ramo de flores perpétuas mantidas por mãos anônimas, Sebastián Acevedo, um humilde mineiro do carvão, tinha tocado fogo no próprio corpo neste lugar, dois anos antes, depois de tentar sem resultado que alguém interviesse para que a Central Nacional de Informação (CNI) parasse de torturar seu filho de vinte e dois anos e sua filha, detidos por porte ilegal de armas. [...] Os dois irmãos foram tirados das câmaras de tortura, tal como o pai mártir tinha exigido com sua vida, e postos à disposição dos tribunais ordinários. Desde então, os habitantes de Concepción têm também um nome secreto para o lugar do sacrifício: praça Sebastián Acevedo. (2014, p. 65).

⁷⁴ BLANCO, Marisa Revilla. Chile: actores populares en la protesta nacional, 1983-1984. *América Latina Hoy*, v. 1. Ediciones Universidad Salamanca, 1991.

⁷⁵ Para Vargas (2019, p. 131), “las protestas contra la dictadura fueran herederos de un ciclo más largo de lucha social”. Como exemplo, cita a Marcha da Fome, ocorrida em 30 de agosto de 1982, primeira mobilização em que os manifestantes enfrentaram abertamente a polícia, valendo-se das armas que se tornariam símbolo das Jornadas de Protesto: as pedras.

⁷⁶ VARGAS, Viviana Bravo, op. cit., 2015, p. 77-96.

⁷⁷ ZAMORA, Patricio Quiroga. op. cit, 1998, p. 42-60.

Esse episódio dramático recebe destaque no livro: não apenas dá nome ao quinto capítulo (“Um homem em chamas na frente da catedral”), como também ocupa uma seção completa (“Flores eternas na Praça Sebastián Acevedo”), na qual o autor descreve os esforços desesperados de Sebastián para salvar os filhos. Curiosamente, uma informação sobre Sebastián Acevedo não é citada: sua vinculação ao Partido Comunista. A percepção dessa omissão no relato nos leva a outra: a ausência quase completa da nomeação dos diferentes partidos políticos ou coalisões que existiam no Chile naquele momento. A supressão desse elemento pode, em alguns momentos, ter cumprido a função de proteger a identidade de pessoas e os próprios grupos políticos, que correriam riscos após a publicação da obra. No entanto, esse apagamento parece responder à necessidade de camuflar as divisões no seio da oposição.

Apesar da situação de ingovernabilidade na qual mergulhava gradualmente a ditadura e de seu crescente isolamento político, ela foi beneficiada por essa falta de unidade, o que ficou cada vez mais evidente ao longo das Jornadas de Protesto, conforme duas estratégias distintas apareciam na disputa: uma, representada pela Aliança Democrática (AD), buscava uma transição negociada para a democracia; a outra, sob liderança do Movimento Democrático Popular (MDP)⁷⁸, propunha uma saída que rompesse com tudo aquilo imposto pelo regime de Pinochet. Além disso, mesmo internamente essas coalizões não possuíam um projeto claro e coeso para que seus objetivos fossem alcançados. Para Zamora (1998), essa falta de uniformidade se transformou em uma barreira para os planos da oposição, que ao invés de encontrar uma saída conjunta, se anulava e enfraquecia.

Nada disso, no entanto, é tratado em *A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile*. Pelo contrário, no texto chega-se a falar da “ação unânime da oposição, unida pela primeira vez em uma frente comum”⁷⁹. E aqui podemos compreender as representações da resistência à ditadura chilena não apenas pelo que essa obra diz, mas também pelo que ela oculta. Tendo em vista que Littín havia observado a falta de unidade entre os opositores do regime – o que atesta o já citado relato em *Araucaria de Chile* – nossa hipótese é que García Márquez, ao fazer suas escolhas na construção desta narrativa, optou por omitir essa questão, justamente porque ela se colocava na contramão do esforço empreendido ao longo do livro, como vimos até agora, de enaltecer o papel da resistência como ameaça concreta ao regime militar e colocar em evidência sua determinação e capacidade operativa.

⁷⁸ O Movimento Democrático Popular foi uma coalizão de esquerda liderada pelo Partido Comunista (PC), integrada pelo Partido Socialista Almeyda (PS-Almeyda), pelo Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR), por facções da esquerda cristã e pelo Movimento de Ação Popular Unitária (MAPU). Defendia o uso de todas as formas de luta para alcançar a democracia. In: TASSARA, Rafaella Ruilova. op. cit., 2018, p. 66.

⁷⁹ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. op. cit., 2014, p. 14.

“No habrá paz ni tregua”⁸⁰: a Frente Patriótica Manuel Rodríguez e a resistência armada

Desde os anos 1970, o Partido Comunista Chileno (PC), que tradicionalmente havia prezado pela moderação, vinha realizando um processo de autocritica a respeito de suas estratégias. A definição de uma nova abordagem, no entanto, só passou a se definir a partir de 1980, quando a nova Constituição chilena foi aprovada, o que significou a institucionalização e legitimação da ditadura. Segundo as novas regras, Pinochet se manteria no poder por mais oito anos, com poderes excepcionais, e o regime militar poderia se estender por mais 16 anos. Diante disso, o PC concluiu que não seria possível retomar a democracia sem que se passasse pela radicalização das lutas, com o uso de todos os meios, incluindo a violência. Essa nova forma de enfrentamento foi chamada de Política de Rebelião Popular de Massas (PRPM), projeto que buscava materializar a sublevação nacional por meio de paralisações, levantes populares e ações armadas⁸¹.

A partir disso, o PC abriu espaço para a criação de duas estruturas militares que teriam o papel de sustentar a PRPM: as Milícias Rodriguistas e a Frente Patriótica Manuel Rodríguez (FPMR). As Milícias eram órgãos de combate populares, formados em *poblaciones*, universidades, liceus, indústrias e no campo, com objetivo de realizar ações paramilitares – armadilhas, barricadas, lançamento de explosivos, *cadenaços*⁸² e capturas de informantes da ditadura – capazes de radicalizar as manifestações que vinham se adensando desde 1983⁸³.

Já a FPMR se tornou pública em 14 de dezembro de 1983, quando realizou diversas ações armadas de grande magnitude, estratégia que se repetiria nos anos seguintes em atentados a redes de energia, ferrovias e quartéis da polícia secreta e no enfrentamento das forças de segurança durante as Jornadas de Protesto, tudo com o objetivo de produzir o isolamento político e a desmoralização das Forças Armadas. A organização é apresentada no sétimo capítulo de *A aventura...*

A Frente Patriótica Manuel Rodríguez está integrada em sua quase totalidade por membros de uma geração que mal tinha saído da escola primária quando Pinochet assaltou o poder. Declarou-se partidária da unidade de todos os setores de oposição, para a derrubada da ditadura e o regresso a uma democracia que permita ao povo chileno decidir com autonomia integral seu próprio destino. Seu nome veio de um personagem alegórico da independência chilena, em 1810, que parecia ter poderes sobrenaturais para driblar todos os controles, tanto internos

⁸⁰ Frase presente no Primeiro Manifesto Rodriguista, de novembro de 1984.

⁸¹ PEREZ, Cristián. ¡A las armas, camaradas!: Frente Patriótico Manuel Rodríguez (1983-1990). *Naveg@ américa*. Revista electrónica de la Asociación Española de Americanistas, n. 9, pp. 1-26, 2012.

⁸² Essa forma de protesto e autodefesa consistia em atirar correntes aos cabos da rede elétrica, provocando apagões. Isso foi realizado principalmente nas *poblaciones*, o que facilitava as fugas dos militantes em caso de perseguição das forças de segurança. In: VARGAS, Viviana. Etnografía histórica de la protesta urbana: las jornadas nacionales contra la dictadura, Santiago de Chile, 1983-1986. *Revista Antropologías del Sur*, ano 6, n. 12, 2019, pp. 129-148.

⁸³ PEREZ, Cristián. op. cit., 2012, p. 1-26.

quanto externos, e que manteve a comunicação constante entre o exército libertador que operava em Mendoza, no lado argentino, e as forças clandestinas que resistiam dentro do Chile, depois que os patriotas foram derrotados e o poder reconquistado pelos realistas. Muitos elementos das condições de então têm semelhança mais do que notáveis com a situação atual do Chile.⁸⁴

Durante a viagem de Miguel Littín ao Chile, foi realizada uma entrevista com os dirigentes da FPMR, encontro para o qual havia grandes expectativas e que também representava um risco considerável para toda a equipe de filmagens se fossem descobertos. No entanto, ao invés da tensão, no relato sobre esse episódio sobressai o tom bem-humorado, em que os frentistas são descritos como jovens irreverentes, comprometidos com a causa, porém atrapalhados, o que denota o esquecimento das vendas que seriam utilizadas nos cinegrafistas para que não enxergassem o caminho até o esconderijo da Frente e nas pobres habilidades de disfarce dos guerrilheiros, caso de um frentista “bem vestido, com o bigode postiço grudado de qualquer jeito”⁸⁵.

Ao mesmo tempo que essas situações contribuem para construir uma imagem oposta àquela veiculada pela ditadura e pela imprensa alinhada com o regime de que os frentistas seriam perigosos terroristas, não é comprometida a ideia de eficiência e capacidade operativa da Frente, já que, logo em seguida, são descritos dois locais de esconderijo da organização. O primeiro, um “hospital clandestino muito bem conservado”⁸⁶, o outro, uma “casa de classe média, alegre e cálida, com uma estonteante coleção de discos dos grandes mestres e uma excelente biblioteca literária com livros lidos, o que não é muito frequente em muitas boas bibliotecas”⁸⁷. Ao descrever esses ambientes com características como “alegre e cálida”, mais uma vez o texto acaba por ser um contraponto às imagens de violência e periculosidade geralmente associadas aos frentistas. Além disso, o ambiente “muito bem conservado” e a casa repleta de discos e “livros lidos” transmitem a ideia de que os membros da Frente executavam um trabalho organizado e que eram pessoas instruídas.

Ao longo do livro, são citadas algumas ações armadas, mas não são indicados seus autores. No entanto, o mais provável é que se tratassem de atentados realizados pela FPMR, já que o Movimento da Esquerda Revolucionário (MIR), o outro grupo armado em operação no Chile, àquela altura se encontrava bastante enfraquecido, pois muitos de seus membros haviam sido

⁸⁴ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. op. cit., 2014, p. 87-88.

⁸⁵ Ibidem, p. 92

⁸⁶ Ibidem, p. 92.

⁸⁷ Ibidem, p. 93.

assassinados pela Direção de Inteligência Nacional (DINA) e pela Central Nacional de Informações (CNI)⁸⁸ ou se encontravam no exílio.

[...] rapidamente entendi que eles [os carabineiros] também estavam tensos, vigiando com olhos ansiosos os transeuntes, e a impressão de que tinham mais medo do que eu serviu de consolo. Não lhes faltava razão. Poucos dias depois da minha viagem ao Chile, a resistência clandestina mandou aquele posto de vigilância pelos ares, com dinamite.⁸⁹

[...] dois jovens fazendo-se passar por um casal em lua de mel ocuparam o quarto vizinho ao que tínhamos usado e armaram num tripé de fotógrafo uma bazuca equipada com um sistema de ação retardada, dirigida contra o escritório de Pinochet. A concepção e o mecanismo de ação eram perfeitos, e Pinochet estava em seu escritório na hora prevista, mas as pernas do tripé se abriam com o impulso do disparo e o projétil sem rumo explodiu dentro do quarto.⁹⁰

Apesar do fracasso desse segundo atentado, as duas ações reafirmam a mensagem de que, no Chile, havia grupos dispostos a tudo para enfrentar as forças de segurança, ameaçando carabineiros e colocando Pinochet na mira. O clima de ameaça e medo vivido pelos policiais e a ideia de vulnerabilidade da sede do governo contribuí ao longo da narrativa para que tenhamos a percepção de que, se o jogo não havia virado a favor da oposição, ao menos a balança parecia tender para o equilíbrio. Ainda que o regime contasse com todo o aparato repressivo para conter os resistentes, estes cada vez mais se organizavam e reagiam, espécie de “consolo”, como disse o personagem Miguel Littín.

Seria no ano seguinte à viagem clandestina que aconteceriam as principais ações da FPMR – e também os fracassos que condenaram a organização. Em 1986, o “ano decisivo”, a Frente realizaria a operação internacional de Carrizal Bajo, por meio da qual toneladas de armamentos entrariam no Chile para apoiar os planos de sublevação nacional. Apesar de um carregamento ter chegado com sucesso em julho de 1986, a tentativa seguinte, realizada em agosto, foi descoberta pela Central Nacional de Informações (CNI), que capturou diversos frentistas. No mês seguinte, ainda sentindo os efeitos das baixas em Carrizal, a Frente deu seguimento ao seu maior plano: o atentado contra Augusto Pinochet, batizado de Operação Século XX. No entanto, a emboscada, que se realizou no fim da tarde de 7 de setembro de 1986, fracassou⁹¹. Isso tudo contribuiu para

⁸⁸ A DINA foi criada logo após o golpe de 1973 para atuar como o órgão repressivo do regime militar. Tinha autorização para realizar buscas, prisões, interrogatórios e transporte de pessoas. Foi responsável pela tortura e morte de milhares de opositores nos primeiros anos da ditadura. Em agosto 1977, a CNI surgiu, substituindo a DINA como órgão repressor. In: ANTUNES, Priscila. O sistema de inteligência chileno no governo Pinochet. *Varia hist.*, Belo Horizonte, v. 23, n. 38, pp. 399-417, dez. 2007.

⁸⁹ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. op. cit, 2014, p. 25.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 50.

⁹¹ Como represália ao atentado, na madrugada do dia 7 para o dia 8 de setembro foram assassinados o jornalista José Pepe Carrasco (da revista *Análisis*), o escritor Abraham Muskatblit, o professor Gastón Vidauzárraga e o operário Felipe Rivera.

que, no fim de 1986, a FPMR entrasse em declínio. Divergências no seio do PC, cada vez mais isolado politicamente, terminaram com a saída dos frentistas em 1987. Na prática, o projeto de sublevação nacional entrava em ocaso.

Considerações finais

Depois de publicar *O outono do patriarca* (1975), Gabriel García Márquez declarou que não voltaria a escrever romances enquanto Augusto Pinochet estivesse no poder. A promessa teve vida curta – durou apenas seis anos – mas deixou exposta, além de sua costumeira atitude provocadora, a insatisfação com mais uma ditadura latino-americana. Quase uma década depois, da parceria com Miguel Littín, surgiu a possibilidade de dar o troco, um rabo de burro na forma de um filme e de um livro.

A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile traz para o leitor, ao longo de suas páginas, a mensagem de que, naqueles anos 1980, havia chilenos que resistiam, a despeito da violência e da repressão que continuavam na ordem do dia. Na narrativa, é reforçada a capacidade de organização de mulheres e homens para enfrentar o regime militar, obter financiamento, criar alianças com estrangeiros e driblar o aparato repressivo. Ao mesmo tempo, são ocultadas as divergências internas da resistência, transmitindo-se a imagem de um grupo coeso, bastante diferente daquele multifacetado, que só encontraria uma suposta unidade na forma do arco-íris, símbolo da campanha do No⁹².

Para certa comunidade de leitores – os membros da resistência chilena ou seus simpatizantes dentro e fora do país –, uma mensagem como essa cumpriria não apenas o papel de homenagem àqueles que arriscavam a vida na luta pelo fim do autoritarismo, como também de mobilizador, já que desconstruía a ideia de que a ditadura era infalível. Pelo contrário, a narrativa busca, em diversos momentos, mostrar a vulnerabilidade do regime e igualar as forças que estavam em lados opostos da política chilena. Já para outros leitores, alheios ao que ocorria no Chile, mas dispostos a comprar o último lançamento de García Márquez, o livro assumia o papel de denúncia de um governo que, dentro e fora de suas páginas, prendia, torturava, matava e empobrecia.

Neste artigo, optamos pelo recorte das manifestações coletivas da resistência citadas em *A aventura...* No entanto, o livro também apresenta diversas formas de repúdio à ditadura protagonizadas por indivíduos não organizados, que buscavam manter viva a memória de Salvador Allende e Pablo Neruda, ouviam as músicas de Violeta Parra e reclamavam do desemprego e da

⁹² Em 5 de outubro de 1988, foi realizado um plebiscito para decidir sobre a permanência de Pinochet no poder. De um lado, a opção “Sim” significava que o general se manteria por mais oito anos no comando do governo; de outro, a opção “Não”, que foi a vitoriosa, representava o fim da ditadura e a convocação de eleições presidenciais. Durante o mês que antecedeu as votações, a situação e a oposição exibiram suas campanhas publicitárias na televisão chilena.

fome que desmentiam o milagre econômico prometido pelos Chicago Boys. Sua presença no livro não é inócua; ao contrário, reforça a mensagem de que, mesmo sob os olhares vigilantes da Junta Militar, novas formas de se comportar e pensar a política se enraizavam e prometiam um futuro distinto.

O curso dos acontecimentos no Chile seguiu, porém, um caminho menos otimista. Os fracassos em Carrizal e da Operação Século XX e o estado de sítio comprometeram os planos de ruptura, ao mesmo tempo que se consolidava a saída pactuada da ditadura, que terminaria, em certa medida, pelas mãos dos mesmos que a iniciaram. O país manteria resquícios daqueles 17 anos, com Pinochet exercendo cargos até 1998, e uma Constituição que, apesar de modificada, ainda é aquela de 1980⁹³. Além disso, as disputas da memória seriam a tônica dos primeiros anos da transição, tendo muitas vezes prevalecido o silêncio capaz de borrar até mesmo o significado da palavra ditadura⁹⁴. É a “realidade desmedida” para a qual, muitas vezes, as palavras são insuficientes⁹⁵.

Referências bibliográficas

AILLAPÁN, Pedro. *et al.* La Vicaría de la Solidariedad 1976-1983. Poder, solidaridad y derechos humanos en Chile. *Revista de Historia e Geografía*, Santiago. 26, 2012, pp. 39-55. Disponível em: http://revistadehistoriaygeografia.ucsh.cl/images/revistas/hyg26_art_aillapan.pdf. Acesso em: 27 set. 2020.

ANTUNES, Priscila. O sistema de inteligência chileno no governo Pinochet. *Varia hist.*, Belo Horizonte, v. 23, n. 38, pp. 399-417, dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752007000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 set. 2020.

AVARIA, Diego. El aporte de los exiliados políticos al retorno a la democracia en Chile. *Jornadas de Trabajo sobre Exilios Políticos del Cono Sur en el siglo XX*, La Plata, 26, 27 e 28 de setembro de 2012. Disponível em: http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/31943/Documento_completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 13 de set. 2020.

BIBLIOTECA NACIONAL DE CHILE. Crisis económica 1982. La transformación económica chilena entre 1973-2003. *Memoria Chilena*. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-98012.html>. Acesso em: 19 set. 2020.

BIBLIOTECA NACIONAL DE CHILE. "Censura sí, censura no", la Constitución de 1980. Letras prohibidas. *Memoria Chilena*. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-333815.html>. Acesso em: 29 set. 2020.

BLANCO, Marisa Revilla. Chile: actores populares en la protesta nacional, 1983-1984. *América Latina Hoy*, v. 1. Ediciones Universidad Salamanca, 1991. Disponível em: <https://revistas.usal.es/index.php/1130-2887/article/view/2083>. Acesso em: 07 de set. 2020.

⁹³ Em outubro de 2020, por meio de um plebiscito, uma ampla parcela da população chilena deu seu apoio a uma nova Constituição que, atualmente, está sendo redigida.

⁹⁴ Durante o período de transição, em uma viagem a Isla Negra, o escritor Ariel Dorfman (2003) conversou com um grupo de crianças de oito a dez anos que desconheciam o significado da palavra ditadura.

⁹⁵ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Algo mais sobre literatura e realidade, 2006, p. 199.

- CAVALCANTE, Rafael Rodrigues. O apagão e o contra-apagão cultural: a música na ditadura militar chilena. XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis, 27 a 31 de julho de 2015. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945018_51a40b7769509decabc32c9990bc2ef6.pdf. Acesso em 27 set. 2020.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Instituto de Cultura Portuguesa, 1985.
- DORFMAN, Ariel. *O longo adeus a Pinochet*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FRENTE PATRIÓTICA MANUEL RODRÍGUEZ. Primer manifiesto rodriguista al pueblo de Chile. Santiago, nov. de 1984. Disponível em: <https://www.fpmr.cl/web/index.php/2016-11-11-18-07-51/2016-11-11-18-10-50>. Acesso em: 29 set. 2020.
- FRITZ, Karen Donoso. El “apagón cultural” en Chile: políticas culturales y censura en la dictadura de Pinochet 1973-1983. *Outros Tempos*, v. 10, n. 16, 2013, pp. 104-129.
- FRITZ, Karen Donoso. *Cultura y dictadura: censuras, proyectos e institucionalidad cultural en Chile, 1973-1989*. Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2019.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Doze contos peregrinos*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Algo mais sobre literatura e realidade. In: GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Crônicas: obra jornalística (1961-1984)*. Rio de Janeiro: Record, 2006, pp. 199-203.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- GONZÁLEZ, Nelly Sfeir de. *Bibliographic Guide to Gabriel García Márquez, 1986-1992*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1994.
- LABBÉ, Marcos Fernández.; TAGLE, María Soledad Del Villar. Conceptos y prácticas en torno a la violación de los derechos humanos en Chile: la Vicaría de la Solidaridad, 1976-1983. *Historia 3986*, n. 1, 2019, pp. 125-164.
- LA NACIÓN. *Criminal atentado al presidente*. Edição de 8 de setembro de 1986, ano LXX, n. 22.726.
- LASTRA, S. Dictaduras y retornos del exilio. Chile y Argentina en perspectiva comparada. *Clepsidra: Revista Interdisciplinaria de Estudios sobre Memoria*, Buenos Aires, v. 4, n. 7, 2017, pp. 120-136.
- LITTÍN, Miguel. El ojo en el corazón de Chile (notas de una filmación clandestina). *Araucaria de Chile*, Madrid, Ediciones Michay, n. 32, pp. 71-80, 1985. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/archivos2/pdfs/MC0014375.pdf>. Acesso em: 29 set. 2020.
- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Proj. História*, São Paulo (17), nov. 1998.
- MIRA, Claudio Rojas; SANTONI, Alessandro. Geografía política del exilio chileno: los diferentes rostros de la solidaridad. *Perfiles Latinoamericanos*, jan./jun. 2013, pp. 123-142. Disponível: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-76532013000100006. Acesso em: 27 set. 2020.
- NETO, Raphael Coelho. Memória da violência política da ditadura chilena na literatura de testemunho publicada pelas revistas Literatura Chilena e Araucaria de Chile. *Palimpsesto*, Universidad de Santiago de Chile, v. IX, n. 12, ago./dez. 2017, pp. 97-113. Disponível: <http://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php/palimpsesto/article/view/2983/2716>. Acesso em: 27 set. 2020.

NETO, Raphael Coelho. Resistência política, redes intelectuais e atividades editoriais no exílio durante a ditadura militar chilena. *Intellectus*, ano XVIII, n. 2, 2019, pp. 1676-7640. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/44701>. Acesso em 27 set. 2020.

PEREZ, Cristián. ¡A las armas, camaradas!: Frente Patriótico Manuel Rodríguez (1983-1990). *Naveg@américa*. Revista electrónica de la Asociación Española de Americanistas, n. 9, pp. 1-26, 2012.

PINTO, Júlio Pimentel. Apresentação: Ficção e história são países vizinhos. *Anais do I Seminário História & Literatura: Diálogos e contaminações* [E-book]/ Júlio Pimentel Pinto (coordenação)/ Andreyra Seiffert, Ana Carolina Silva, Carolina Borges da Silva Luiz, Fernanda Palo Prado, Letícia Bachani Tarifa, Michelly Cristina da Silva, Rafael Vaz de Souza, Sheila Virginia Castro, Thiago Arnoult, Vinícius Bisterço (organizadores). – São Paulo: FFLCH, 2019. Disponível em:

https://historiaeliteratura.fflch.usp.br/sites/historiaeliteratura.fflch.usp.br/files/inline-files/ANAIS%20SEMIN%20C3%81RIO%20HIST%20C3%93RIA%20%26%20LITERATURA%20_compressed_5.pdf. Acesso em: 8. mai. 2022.

RIO, Alejandro del. El general Pinochet autoriza a más de 1.000 exiliados a regresar a Chile. *El País*, 20 ago. 1983. Disponível em: https://elpais.com/diario/1983/08/21/internacional/430264803_850215.html. Acesso em: 19 set. 2020.

RUDERER, Stephan; STRABNER, Veit. Recordando tiempos difíciles: La Vicaría de la Solidaridad como lugar de memoria de la Iglesia y de la sociedad chilena. *Archives de Sciences Sociales des Religions*. Religions et dictatures, n. 170, abr.-jun. 2015, pp. 37-60.

RUIZ, Carolina Gutiérrez; DIAZ, Paola. Resistencias en ditadura y en post-ditadura: la acción colectiva de la agrupación de familiares de detenidos desaparecidos en Chile. EHESS, Paris, Université de Lille II. *Pandora: revue d'études hispaniques*, n. 8, 2008, pp. 187-204. Acesso em: 17 ago. 2020. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2925972>

RODRÍGUEZ, René Palomino. El desarraigo en la obra cinematográfica de Miguel Littín. In: *Miguel Littín: del cine, la literatura y otras clandestinidades*. Memorias de Ulivro, 5ª ed, ago. 2016, pp. 109-122.

SILVA, Aleksandro de Souza. *A filmografia de Miguel Littín entre o exílio e a clandestinidade (1973-1990)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13112015-155507/publico/2015_AleksandroDeSouzaESilva_VCorr.pdf Acesso em: 12 set. 2020.

SILVA, E. P. Araucaria de Chile: uma revista de resistência cultural. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 10, pp. 83-125, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://revista.anphlac.org.br/index.php/revista>. Acesso em: 12 jun. 2021.

TASSARA, Rafaella Ruilova. *El "año decisivo": la Política de Rebelión Popular de Masas (PRPM). Una mirada histórica (1985-1986)*. Trabalho de Conclusão do curso de Licenciatura em História. Facultad de Filosofía y Humanidades de la Universidad de Chile. Santiago. p. 66. 2018.

VARGAS, Viviana Bravo. Iglesia liberadora, rearticulación de la política y protesta social en Chile (1973-1989). *Hist. Crit.*, n. 62, out. / dez. 2015, pp. 77-96.

VARGAS, Viviana Bravo. Etnografía histórica de la protesta urbana: las jornadas nacionales contra la dictadura, Santiago de Chile, 1983-1986. *Revista Antropologías del Sur*, ano 6, n. 12, 2019, pp. 129-148.

VICARÍA DE LA SOLIDARIEDAD. *Octavo año del labor*. 1983. Arzobispado de Santiago. 1984. Disponível em: <http://www.vicariadelasolidaridad.cl/sites/default/files/VS0000012.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.

ZALAUQUETT, José. *Testemunho*: El “Comité Pro Paz”. A pesar de todo, una experiencia de solidaridad y una esperanza.

ZAMORA, Patricio Quiroga. Las jornadas de protesta nacional: historia, estrategias y resultados, *Encuentro XXI*, Santiago de Chile, ano 4, n. 11, pp. 42-60, 1998.

Recebido em: 13.06.2021
Aprovado em: 20.06.2022